
ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A FÁBULA “A CIGARRA E A FORMIGA”, DE ESOPO E O POEMA “SEM BARRA”, DE JOSÉ PAULO PAES: O TEOR MORALIZANTE DE ESOPO E A VALORIZAÇÃO DA ARTE DE PAES

Maria Eduarda da Silva Sousa¹

Renato da Silva Pereira²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo central fazer uma análise comparativa da fábula “A Cigarra e a Formiga”, de Esopo, e “Sem barra”, de José Paulo Paes. Nesse processo analisam-se as aproximações e distanciamentos entre as obras, destacando os aspectos de intertextualidade, imitação, influências e marcas de originalidade com base nas perspectivas teóricas discutidas por Nitrini (2021), Carvalhal (2001), Ana Maria Mello (1996), Koch, Bentes, Carvalho (2008). As obras trazem consigo críticas e ensinamentos, enquanto a fábula traz de forma explícita o seu teor moralizante, que tem como objetivo transmitir uma mensagem, na qual a personagem formiga podem ser entendidas como representação do modelo social “ideal”, as quais trabalham para acumular comida no verão para desfrutarem no inverno; já no poema de Paes, apesar de ter a influência e intertextualidade relativa à fábula, se distancia em diversos aspectos, como o fato de descrever as personagens por outra perspectiva, a cigarra já não é mais retratada como “preguiçosa”, e sim, como de fundamental importância para o cotidiano das formigas.

Palavras-chave: Aproximações. Distanciamentos. Intertextualidade. Análise comparativa.

COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN THE FABLE “A CIGARRA E A FORMIGA”, BY AESOP AND THE POEM “SEM BARRA”, BY JOSÉ PAULO PAES: AESOP’S MORALIZING CONTENT AND THE VALUATION OF PAES’ ART

Abstract: The central objective of this work is to make a comparative analysis of the fable “The Cigarra and the Form”, by Aesop, and “Sem barra”, by José Paulo Paes. In this process, analyze the similarities and distances between the works, highlighting the aspects of intertextuality, imitation, influences and marks of originality based on the theoretical perspectives discussed by Nitrini (2021), Carvalhal (2001), Ana Maria Mello (1996), Koch, Bentes, Carvalho (2008). The works bring criticism and teachings. While the fable explicitly brings its moralizing content, which aims to convey the message, merely capitalist, that “art is a waste of time” and the ants are shown as a representation of the “ideal” social model, which work to accumulate food in the summer to enjoy in the winter, Paes' poem, despite having the influence and intertextuality relative to the fable, distances itself in several aspects, such as the fact of describing the characters from another perspective, the cicada is no longer portrayed as “lazy”, but rather, as of fundamental importance for the ants' daily lives.

Keywords: Approximations. Distances. Intertextuality. Comparative analysis.

¹ Licencianda em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: mariaeduardasilva1350@gmail.com

² Licenciando em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: renatobaato@gmail.com

Introdução

Desde a antiguidade até os dias atuais, grande maioria das crianças em certo momento da sua infância tem contato com o gênero fábula. Geralmente, costumam ouvir na escola ou em casa, algumas histórias, como a da “cigarra e da formiga”, de Esopo. Essa fábula, passa ao leitor uma determinada “lição” a ser apreendida através do enredo: enquanto a cigarra, passava o verão cantando e dançando, as formigas trabalhavam; quando o inverno chegava as formigas tinham reservado muita comida, e a cigarra estava sem estoque e passava fome.

Desse modo, quase inconscientemente, esse leitor aprende que o certo é ser como a formiga, a qual trabalha, não brincava e não se distraía, diferente da cigarra; a qual priorizava a diversão, a arte e a música, hábitos esses considerados improdutivos em uma sociedade capitalista. Apesar de as crianças “não compreenderem” o teor moralizante da fábula, ela é mostrada, em certa medida, com esse intuito. Entretanto, um outro texto, apesar de se mostrar inspirado nessa fábula, pode trazer ao leitor um significado diferente, capaz de ser obtido com as mesmas personagens. Como é o caso do poema “Sem Barra”, do autor José Paulo Paes.

Ao se deparar com esse texto, imediatamente é possível que o leitor relembre (caso já conheça) a história presente na fábula, escrita por Esopo. E ao compará-los, verificam-se alguns aspectos de influência, de imitação e de originalidade. Apesar das aproximações, observa-se também um certo grau de distanciamento, embora, as personagens e o espaço das obras sejam quase semelhantes, cada obra traz uma perspectiva diferente.

Diante disso, e dessa provocação relativa às aproximações e distanciamentos, surge uma motivação para a produção desta análise comparativa, na qual se construíram as seguintes questões de pesquisa: quais as semelhanças e divergências entre a fábula “A Cigarra e a Formiga”, de Esopo e o poema “Sem Barra”, de José Paulo Paes? Como as personagens e suas ações contribuem para a construção da moralidade da história? Qual o contexto cultural em que foi escrito a fábula? De que forma o contexto cultural contemporâneo influencia a abordagem de José Paulo Paes em relação à valorização da arte no poema “Sem Barra”?

Assim, com o uso de uma metodologia qualitativa, pretende-se analisar, como já mencionado anteriormente, os aspectos de influência, de imitação e de originalidade entre esses dois textos em tela. Nesse processo, observa-se que a personagem “Cigarra” é retratada como “preguiçosa” na fábula; e como “necessária” ao entretenimento no cotidiano das formigas, no poema, tirando-as do tédio enquanto essas trabalham. Essas análises deixam

evidente os traços de influência e originalidade entre os textos.

É nesse contexto, que se toma como objetivo principal de pesquisa a análise entre esses textos, de forma em que se pretende destacar os contextos históricos e literários; os aspectos comuns de originalidade, de influência e da questão da imitação. Assim, evidenciando como o teor moralizante de Esopo é criticado e construído com outra perspectiva por Paes. Tendo isso em vista, faz-se necessária uma análise comparativa entre as obras. E para isso, a análise está centrada na perspectiva teórica de ideias discutidas por Nitrini (2021), Carvalhal (2001), Ana Maria Mello (1996), Koch, Bentes, Carvalho (2008) e entre outros teóricos.

1 ASPECTOS TEÓRICOS: NOÇÕES DE INFLUÊNCIA, DE INTERTEXTUALIDADE E DE ORIGINALIDADE

De acordo com Nitrini (2021), existem três conceitos fundamentais da literatura comparada: a “influência”, a “imitação” e a “originalidade”. Assim, a partir desses três conceitos, observa-se que a literatura comparada não pode ser definida apenas como método comparativo, pois, essa tem como objetivo pesquisar temas e ideias que em diferentes literaturas e épocas criaram e apresentaram relações comuns, que evoluíram ao longo do tempo. Em outras palavras, a literatura comparada tem como objetivo destacar quais aspectos fazem com que um texto sofra influência de outro, como esse se aproxima e se distancia, quais são as imitações, as influências e as marcas de originalidade.

Além disso, para a autora, desde o momento em que passou a existir mais de uma literatura, passa a existir a literatura comparada, pois a comparação é essencial à vida humana, constantemente compara-se tudo e todos, e nenhum texto existe por si só, pois todo autor sofre influências de outros escritores ou de obras que leu em algum momento de sua vida, logo essa relação de influências é algo bastante comum no meio literário. A autora ressalta que:

As origens da literatura comparada se confundem com as da própria literatura. Sua pré-história remonta às literaturas grega e romana. Bastou existirem duas literaturas para se começar a compará-las, com o intuito de se apreciar seus respectivos méritos, embora se estivesse ainda longe de um projeto de comparativismo elaborado, que fugisse de uma mera inclinação empírica (Nitrini, p. 19, 2021)

As noções de literatura comparada são facilmente confundidas com a da literatura em si, pois, como se sabe, os textos sofrem diversas formas de influências e imitação o tempo todo. Para Carvalho (2001, p. 6): “Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento de um homem e da organização da cultura”. Nesse sentido, pode-se perceber que a comparação é algo constante na sociedade, é um procedimento natural nos seres humanos, já que eles sofrem influências constantemente, seja por meio de leituras, ou de interações sociais. Essas influências podem ser percebidas, por exemplo, nas novelas e na música, já que é bastante comum presenciar novelas que sejam “adaptações” de livros, ou músicas que são traduzidas e adaptadas para um outro idioma, ou até mesmo baseadas em poemas.

Desse modo, verifica-se que a literatura comparada é significativamente presente no âmbito literário, e que esta estuda as relações entre duas ou mais obras, dando ênfase para a influência presente nos textos que podem ser sofridas mediante diferentes culturas (até mesmo de diferentes países). Logo, ela possui um vasto campo de atuação, em que se pode adotar diferentes metodologias para produção de uma análise comparativa entre determinadas obras. Essa análise, por sua vez, não deve limitar-se apenas à natureza dos elementos confrontados nos textos, como a autora Nitrini (2021) traz em seu texto no capítulo “Percursos históricos e teóricos”.

Ao comparar obras de nacionalidades, épocas, e culturas distintas, muitas vezes, verifica-se traços de influência entre elas, essas semelhanças são resultantes de uma intertextualidade que as obras sofrem constantemente. Assim, muitas vezes, a influência, a imitação e a originalidade andam paralelas e juntas, pois no processo de imitação o autor deixa suas marcas, suas experiências de vida, da sua época e de suas leituras; assim, essa obra será também original, pois trará coisas novas. Isso fica evidente quando Nitrini (2021 p. 134) diz:

O mecanismo de influência ocorre em dois planos paralelos. Primeiro, o choque recebido faz o autor influenciado voltar-se para a própria personalidade. Em seguida, provoca também a ruptura de seus laços com ídolos dos quais se nutria até então. Este duplo movimento revela um traço paradoxal na concepção de influência valéryana. De um lado, o escritor mais profundamente influenciado poderia ser o mais original. De outro, a influência mais estimulante é a que leva o escritor a rejeitar uma influência. O escritor se libera de uma influência por outra (Nitrini, 2021 p. 134)

Assim, observa-se que as obras literárias possuem suas marcas de originalidade e influência, pois os indivíduos sofrem influências o tempo inteiro, e assim, ao escrever uma

obra, esse utilizará das influências que adquiriu ao longo de sua trajetória. Nesse sentido, Tânia Franco (2006, p. 51) ressalta que o processo de escrita é visto como “resultante também do processo de leitura de um corpus literário anterior”, e diz que as ideias trazidas por Kristeva irão abalar as relações de dívida que um texto adquire com o seu antecessor, naturalizando o seu procedimento de reescrita. Nessa perspectiva, A autora ainda cita Kristeva para pontuar que “Todo texto é absorção e transformação de outro texto”, assim, nota-se que o processo de produção de escrita seria visto como réplica, aprimoramento e absorção de outros textos. Isso porque, quando um autor imita uma obra, a sua não deixará de ser também uma nova, pois trará novas perspectivas e visões.

Portanto, a comparação pode ser definida como “um meio, e não como um fim”, pois a literatura de certa forma é produzida por meio de diálogos existentes entre textos, que podem se dar mediante retomadas, trocas, adaptações ou até mesmo de empréstimos de produções já existentes. Em síntese, a análise comparativa envolve um campo vasto de atuação, em que se pode utilizar como aspectos de análise a influência, a intertextualidade, as relações transtextuais e as aproximações e os distanciamentos presentes nas obras analisadas.

2. ORIGENS E CONTEXTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS DOS AUTORES

2.1. Esopo: autor da fábula "A Cigarra e a Formiga"

Esopo viveu na Grécia Antiga entre os séculos VI e VII. Contudo, algumas pessoas acreditam que ele nasceu na Frígia, Ásia menor e que tenha sido escravo de Samos. Esopo era conhecido pela sua produção de histórias e por criar narrativas (fábulas) com o intuito educativo. Por esse motivo, é comum perceber que as fábulas sempre traziam no final “a moral da história”, que resume e deixa explícito de forma clara o que se espera que a criança (o leitor) adquira como valor. Dentro do seu contexto de produção, as obras de Esopo eram lidas na cidade de Atenas, no século V. Também vale ressaltar que nessa época, esses textos integravam-se dentro da oralidade, sendo transcritos depois de alguns séculos.

Dentre as principais obras dele, pode-se destacar “A Cigarra e a Formiga” (obra analisada neste artigo), “A Raposa e as Uvas”, “O Lobo e o Cordeiro”, “O Cachorro e o Hortelão”, “O Leão e o Rato”, “As Rãs Que Pediam Rei”, “A Rã e o Boi”, “Os Viajantes e o Urso” e “A Raposa e o Corvo”. Atualmente, as obras desse autor ainda são bastante

conhecidas, principalmente no âmbito da literatura infantil. Além disso, foram fontes de inspiração para outros poetas e escritores, como é o caso do escritor francês La Fontaine.

2.2. José Paulo Paes, autor do poema “Sem barra”

José Paulo Paes é um tradutor, escritor de poesia, ensaísta, e crítico literário brasileiro, nascido na cidade de Taquaritinga, localizada no estado de São Paulo. Nasceu no dia 22 de julho de 1926, e adquiriu gosto pela leitura ainda na sua infância, devido a influência do seu avô materno. Publicou sua primeira obra, intitulada “O livro”, no ano de 1944, na qual encontra-se a presença de fortes influências da poesia de Carlos Drummond de Andrade. Nessa mesma época, Paes participou do 2º Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em Belo Horizonte, no qual conheceu pessoalmente o autor Carlos Drummond.

Assim, a partir daí, o autor passou a escrever diversas obras, dentre as quais podem ser destacadas as seguintes: “Olha o bicho” (1991) obra que contém o poema aqui analisado; “O Aluno” (1947); “Prosas Seguidas de Ode Mínimas” (1992); “Cúmplices” (1951); “Novas Cartas Chilenas”; “Poemas para Buscar” (1990); (1954); “Mistério em Casa” (1961); “A Poesia Está Morta, Mas Juro Que Não Fui Eu” (1988); “Melhores Poemas” (1998) entre outras obras.

Na década de 80, Paes passou a se interessar pela poesia infantil, através da qual ficou bastante conhecido. Suas obras que fazem parte da literatura infanto-juvenil são bastante conhecidas e lidas até os dias atuais. Além disso, o autor também fez parte da Associação Brasileira de Escritores, da seção paulista, na qual ele era secretário e ministrava cursos de literatura. Portanto, ele foi e ainda é um autor bastante lido e conhecido atualmente, apesar de ter falecido no ano 1998.

3. Análise das obras “A Cigarra e a Formiga”, de Esopo e “Sem Barras”, de Paulo Paes

As obras, apesar das influências e das semelhanças, possuem contextos históricos e sociais distintos, pois foram escritas em épocas e contextos diferentes. Assim, sofrendo influência de suas civilizações e modelos sociais vigentes. A obra “A Cigarra e a Formiga”, do escritor grego Esopo, escrita no século VI a.C. e propalada, no século XVII, pelo poeta Jean de La Fontaine, traz inculcadas as ideias e valores da sociedade aristocrática do século XVII,

a qual eleva a acumulação de riquezas e retrata as formigas como a classe trabalhadora que luta para sobreviver e ter o que comer, pois em uma sociedade dividida pela desigualdade de classes sociais, e predominantemente dominada por uma “burguesia” que visava o acúmulo, a classe mais vulnerável, as quais não ocupam os cargos de maior “prestígio” social, acabam tendo que trabalhar incansavelmente para poder consumir.

Assim, entende-se que a cigarra poderia ser interpretada como “fora dos padrões” impostos pela sociedade a época. Pois ela não segue o sistema imposto, não se adaptou ao sistema, e não aceita ter que se matar de trabalhar para poder ter acesso ao consumo; por isso é vista pelas formigas como “preguiçosa”. Em contrapartida, no poema “Sem barras”, escrito pelo poeta brasileiro José Paulo Paes no ano de 1989, traz uma releitura da fábula de Esopo, nessa obra as personagens são descritas com visões divergentes do trazido na fábula. Ele apresenta um novo olhar para as personagens. Pois, diferente da fábula, no poema a cigarra e a arte são retratadas como fundamental à sociedade, fugindo do foco consumista presente na fábula.

3.1. “A Cigarra e a Formiga”, de Esopo

A fábula “A Cigarra e a Formiga” tem sido passada de geração em geração ao longo dos tempos. Ela narra a história de uma cigarra e uma formiga que levam seus leitores a relacionarem suas lições com modelos sociais, tais como: o consumismo, o capitalismo e o trabalho árduo. A fábula ressalta as diferenças entre a cigarra e a formiga, enquanto a cigarra canta e se diverte no decorrer do verão, a formiga trabalha constantemente para prevenir-se no inverno. Desse modo, pode-se perceber que a formiga é retratada como modelo social “ideal”, à medida que, a cigarra representa as distrações, a arte como perda de tempo, a falta de responsabilidade e a busca por prazer, hábitos considerados inadequados à sociedade da época.

De modo amplo, a fábula pode ser interpretada e analisada de diversas maneiras, conforme a perspectiva cultural e individual de cada leitor, podendo proporcionar análises e reflexões sobre o capitalismo, a sociedade de consumo e o preconceito artístico. Já que esses ensinamentos são construídos socialmente e inconscientemente ao longo do tempo; como a ideia de que os seres humanos devem dedicar-se exclusivamente ao trabalho e o acúmulo de bens e riquezas

Relacionando a fábula à ideia de capitalismo discutida por Karl Marx (1980), observa-se que a formiga pode ser descrita como modelo de exploração a ser refletido como “justo”, pois ela seria a reprodução dos proletários, que trabalham incansavelmente para o acúmulo de alimentos para sobreviverem. O capitalismo, de acordo com Marx, seria o modelo de produção do capital econômico por meio da venda da força do trabalho para garantir sua sobrevivência. Além de gerar acúmulo de riquezas para poucos – concentrado.

Assim, a cigarra que não trabalha seria a retratação do “preguiçoso”, o qual não se adequou ao modelo da sociedade do consumo, que não valoriza a arte e a música, tidos como modelo inadequado para a sociedade capitalista, na qual quem não trabalha, não pode consumir. Então, a cigarra por não reproduzir o modelo imposto, não teria acesso à alimentação, enquanto a formiga por ter as características da classe trabalhadora, “teria acesso”. Dessa maneira, Esopo, reproduz o ser humano ideal para a sociedade capitalista, aqueles que se dedicam exclusivamente aos seus trabalhos em busca de obter acesso ao consumo, mesmo tendo uma baixa remuneração, tal como o modelo capitalista descrito por Karl Marx (1980).

Em síntese, nota-se que a conduta da cigarra é criticada, enquanto a formiga é descrita como modelo, embora trabalhe constantemente, não tendo tempo para se divertir e sempre preocupada em acumular para o futuro. Diante disso, pode-se verificar um certo teor de “doutrinação” presente na fábula, a qual tem como objetivo central ensinar e incentivar as crianças, desde cedo, sobre a importância de trabalhar e de acumular bens materiais. Dessa forma, as duas personagens da fábula representam comportamentos opostos e com valores contrários. Uma das características do gênero fábula é justamente essa, trazer lições que permitem reflexões sobre o caráter e a moral inseridos em histórias, principalmente infantis, e através delas ensinamentos comportamentais e morais, podendo ser transmitidos tanto às crianças quanto aos adultos.

3.2. “Sem barra”, de Paulo Paes

No poema “Sem barra”, de José Paulo Paes, releitura da fábula de Esopo, observam-se conceitos de “influência”, “imitação” e “originalidade”. Nesse texto é ilustrado o cotidiano da formiga e da cigarra, o qual tem como papel central provocar seus leitores. Pois, apesar de ser uma imitação da obra de Esopo, possui seu grau de originalidade, visto que, Franco (2006)

nos ensina que todo texto é aprimoramento e absorção de outro texto. Assim, pode-se dizer que o poema de Paes é uma réplica aprimorada de seu antecessor, trazendo novas ideias e reflexões para seus leitores.

No poema, Paes descreve suas personagens com papéis socialmente diferentes em meio às diversas críticas e desconstruções. As formigas, assim como na fábula, são retratadas como trabalhadoras, porém, no poema elas não fogem do entretenimento e da arte, essas apreciam a cantiga da cigarra, como exprime no poema (1991, n.p): “[...] sem a cantiga/da cigarra/que distrai da fadiga, /seria uma barra/o trabalho da formiga.”, evidenciando que a arte é fundamental no dia a dia cansativo dos trabalhadores, ressaltando o quão importante são as manifestações artísticas para a sociedade.

De modo amplo, mostra que a cantiga da cigarra é retratada como fundamental ao trabalho das formigas, evidenciando que a vida não é constituída apenas pelo fato de se exercer uma atividade remunerada em sociedade, afinal, o papel da cigarra na sociedade é tão importante quanto os afazeres desempenhados pela formiga. Com isso, o autor mostra que é fundamental conciliar as obrigações do cotidiano com as manifestações artísticas.

Na última estrofe o autor faz uma reflexão acerca da aura da arte e da música. Ele diz que trabalhar sem música “seria uma barra”, mostrando que não existe problema em relação a formiga só trabalhar e a cigarra cantar, pois ambas estão desempenhando funções socialmente construtivas. Logo, com a cantiga, o trabalho é “Sem barra”, porém, sem a cantiga o trabalho torna-se “uma barra”.

Desse modo, ambas personagens trazem lições sobre a vida, já que é importante saber conciliar o trabalho e o lazer. Nesse sentido, pode-se observar que Paes faz uma crítica à fábula de Esopo, na pode-se verificar ideias da sociedade do acúmulo de bens e riquezas, modelo esse, que mecaniza as relações humanas, transformando-os e rebaixando-os ao papel de máquinas para enriquecer seus superiores.

4. Aproximações e distanciamentos entre a fábula “A Cigarra e a Formiga”, de Esopo e “Sem Barra”, de Paulo Paes

4.1 Aproximações entre as obras

As obras “A Cigarra e a Formiga” e “Sem barra”, apresentam algumas semelhanças e

aspectos comuns. Ao analisá-las, é possível perceber que compartilham das mesmas personagens: as cigarras e as formigas. Tanto o poema, quanto a fábula, apresentam as personagens desenvolvendo as mesmas funções, como se pode observar nos seguintes trechos do poema e da fábula, respectivamente: “Enquanto a formiga/Carrega comida/Para o formigueiro/A cigarra canta...”; “Num belo dia de inverno as formigas estavam tendo o maior trabalho para secar suas reservas de comidas”. “[...] Falou a cigarra: - Para falar a verdade, não tive tempo. Passei o verão todo cantando!”.

A partir dos trechos acima, nota-se que a personagem cigarra passou o verão da mesma forma (cantando) em ambas as obras, assim como as formigas (trabalhando). Havendo, portanto, uma semelhança, e uma intertextualidade presente entre esses fatos. Na obra “Intertextualidade: diálogos possíveis”, as autoras afirmam que:

A intertextualidade *stricto sensu*... ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto), anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (domínio entendido de referência, cf. Garrod, 1985) dos interlocutores. Isto é, em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação (Koch; Bentes; Cavalcante, p. 17, 2008).

Diante dessa perspectiva das autoras, verifica-se que a obra de Paulo Paes remete à fábula produzida por Esopo, essa por sua vez, seria o “intertexto”, já que o poema retoma essa narrativa da fábula. Apesar do eu lírico trazer uma mensagem diferente, é possível perceber a relação de intertextualidade presente nessas obras, visto que possivelmente o texto “Sem Barra”, é uma releitura do texto de Esopo.

Além de terem em comum os mesmos personagens, e compartilham da mesma ocupação e função, as duas obras são escritas em terceira pessoa e o autor transmite ao leitor uma mensagem, uma espécie de moral da história. Na fábula essa moral está presente de forma explícita, como se observa no final do texto, cujo narrador pontua: “MORAL DA HISTÓRIA: Os preguiçosos colhem o que merecem”. Já no poema, nota-se que a mensagem está implícita, mas também presente no final do poema, nos últimos versos, a qual retrata que ambas as funções são importantes.

Portanto, apesar de trazerem mensagens diferentes, ambas permitem uma reflexão para o leitor, e têm o intuito de trazer uma mensagem ao final. Os dois autores trazem as personagens de maneira semelhante, pois as formigas são retratadas como “acumuladoras”,

trabalhando intensamente; nas duas obras, a cigarra se dedica à arte.

4.2 Distanciamentos entre as obras

De acordo com Nitrini (2021), no processo de imitação e releitura de uma obra, o autor na maioria das vezes, produz um texto “melhorado” e “original” ao mesmo tempo, pois, com base em suas leituras, sua época e vivências ele traz um novo olhar para a história relatada. Nesse sentido, verifica-se que os textos analisados apresentam marcas de influência, imitação e originalidade; pois apesar da fábula “A Cigarra e a Formiga” e do poema “Sem barra”, apresentarem aspectos de semelhança e aproximação, também estão presentes aspectos novos, os quais os distanciam.

Inicialmente, pode-se destacar como distanciamento o próprio gênero literário das obras, que como já mencionado, trata-se de gêneros distintos, já que são respectivamente uma fábula e um poema. Outro distanciamento presente nas obras é a narrativa e a lírica, a fábula é um texto linear, narrado em terceira pessoa e possui uma narrativa direta, com personagens identificados e nomeados, tais como: a cigarra e a formiga. Já o poema é lírico, enunciado por eu lírico e o texto não apresenta uma linearidade.

Os contextos nos quais os autores estão inseridos apresentam também os seus distanciamentos. A fábula “A Cigarra e a Formiga” é uma obra de autoria antiga (propalada no século XVII), que na época era passada de forma oral, possuindo vínculos da tradição literária clássica, já o poema “Sem barra”, é uma obra moderna, escrita por um autor brasileiro do século XX. Em relação as personagens, na fábula esses simbolizam características dos seres humanos, apresentando diligência, ganância, acúmulo e previdência, como podemos observar no trecho abaixo:

– Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno?
Falou a cigarra:
– Para falar a verdade, não tive tempo. Passei o verão todo cantando! (Esopo, s.d, p.2)

Assim, identifica-se a resposta dada à cigarra, como uma forma de ironia, já que as formigas saíram rindo da mesma. Enquanto, no poema “Sem barra”, ao contrário da fábula, não há a presença de personagens antropomorfizados, ou seja, que apresentam características

humanas, sendo no poema os personagens mais abertos a interpretações simbólicas e subjetivas. Além disso, as obras apresentam uma intertextualidade implícita, que de acordo com as autoras Koch, Bentes e Carvalho (2008), acontece:

[...] quando se introduz, no próprio texto, o intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte, com objetivo quer seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário” (Koch; Bentes; Carvalho. p. 00, 2008)

Diante dessa perspectiva, observa-se que as obras possuem uma intertextualidade implícita, visto que a obra de Paulo Paes possui como intertexto a fábula de Esopo. Ao ler o poema, é possível perceber de início essa relação de intertexto, pois ele remete à fábula, porém apresenta uma narrativa divergente. Isso porque o poema apresenta uma argumentação diferente, uma nova visão sobre a personagem cigarra.

De modo amplo, a personagem cigarra apresenta características diferentes entre as obras; enquanto na fábula é descrita como “irresponsável”, pois a manifestação artística é retratada por Esopo como modelo “improdutivo”; o ideal trazido pela mensagem, seria o de seguir o modelo social adotado pelas formigas. Já no poema, a arte e a cantiga da cigarra são representadas como necessárias e importantes para a sociedade, pois a arte é retratada pelo autor como fundamental no dia a dia das formigas, pois, essa seria essencial para a vida cansativa dos trabalhadores.

Ademais, as obras analisadas apresentam mensagens morais e explícitas. Enquanto a fábula de Esopo tem uma reflexão moral e clara acerca da importância do trabalho constante e do acúmulo de bens, o poema “Sem Barra” não apresenta uma moral “explícita”, deixando a mensagem mais subjetiva e aberta a interpretações. O estilo de escrita entre ambas as obras é divergente, já que o estilo da fábula é mais direto e voltado para a narração de uma história, no qual o leitor já identifica uma moral evidente, ao passo que o poema utiliza uma linguagem poética, transmitindo uma mensagem mais subjetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo foi realizar uma análise comparativa das obras “A Cigarra e a Formiga”, de Esopo, e “Sem Barra”, de Paulo Paes. Nesse processo, observou-se que apesar de as obras serem de autores distintos, e pertencentes a diferentes culturas, contextos e

épocas, existe entre elas relações de intertextualidade, imitação e originalidade, reforçando a ideia de que o poema de Paes dialoga com a produção literária de Esopo.

Além disso, essa ideia de diálogo entre obras também pode ser reforçada com a perspectiva de Jorge Luís Borges (1974, p. 712), pois ele defende que “cada escritor cria seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção de passado, como há de modificar o futuro”. Diante disso, compreende-se que cada escritor cria suas próprias fontes, sendo cada obra uma espécie de continuação de obras anteriormente publicadas, o que não as faz deixarem de serem originais.

Isso, devido ao fato de que cada produção, apesar de estabelecer uma relação de diálogo e intertextualidade com outros textos anteriormente escritos, não a torna menos original. Como é o caso do texto poético de José Paulo Paes, analisado neste trabalho. O texto possui uma relação intertextual com a obra “A Cigarra e a Formiga”, de Esopo, trazendo ao leitor uma visão diferente, sem deixar de dialogar com a fábula, o que o torna original, uma nova obra, em que o autor põe em questão o teor moralizante presente na produção de Esopo, dando ênfase à valorização da arte e questionando o teor formativo de ensino para crianças, presente em fábulas como essa analisada.

Diante disso, a produção literária do poeta José Paulo Paes pode ser tida como uma nova produção que estabelece uma continuação com um caráter de contradição a uma obra anterior. O que pode ser reforçado pela perspectiva da pesquisadora Leyla Perrone-Moysés (1990), já que ela afirma que: “A literatura nasce da literatura; cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes. Escrever é, pois, dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea”.

Portanto, conclui-se que a literatura quando dialoga com outras obras, de diferentes contextos históricos, gêneros e tempos passados, passa a ter um novo sentido quando trazida para a contemporaneidade. Cada obra, apesar de inspirada e baseada em uma outra, não deixa de ser original, pois ela traz ao seu leitor um novo significado, como é o caso das obras aqui analisadas. Pois, estas trazem contextos diferentes em histórias que se passam em um mesmo universo, com as mesmas personagens e vivências.

Referências

- A Cigarra e a Formiga. Wikipedia, 2013. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/A_Cigarra_e_a_Formiga. Acesso em: 18 de novembro de 2023.
- Biografia de Esopo. ebiografia, 2023. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/esopo/>. Acesso em: 18 de novembro de 2023.
- Biografia de José Paulo Paes. ebiografia, 2017. Disponível em: https://www.ebiografia.com/jose_paulo_paes/. Acesso em: 18 de novembro de 2023.
- BORGES, Jorge L. “Otras Inquisiciones”. In: Jorge Luis Borges: Obras Completas. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974.
- CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça; BENTES, Ana Cristina; CAVALCANTE, Mônica M. Intertextualidade: diálogos possíveis. - 2.ed. - São Paulo: Cortez, 2008.
- PAES, José Paulo. Olha o bicho. São Paulo: Ática, 1991. SIMÕES, Darcilia Marindir Pinto; REI, Claudio Artur de Oliveira. Variação linguística e gêneros textuais: questão de estilo. Revista de Letras, Fortaleza, v. 31, n.1/2, 2012, p. 30-39
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: _____. Flores da escrivania: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 91-99.
- Literatura comparada? Uma brevíssima síntese. LinkedIn, 2019. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/o-que-%C3%A9-literatura-comparada-umabrev%C3%ADssima-s%C3%ADntese-charles-ribeiro?originalSubdomain=pt>. Acesso em: 23 de novembro de 2023.
- MARX, Karl. O Capital Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- NITRINI, Sandra. Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica - 3. ed., 2. reimpr - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.